

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia



R\$ 8,00

ANO XV - maio 2012 - Nº 154
www.luzecena.com.br

Thiaguinho ao vivo

Cenografia e iluminação futuristas dão show à parte em gravação de DVD

Miranda

Casa investe em tecnologia e conforto para espetáculos intimistas

Direção de Fotografia

Novos e importantes ajustes para câmeras profissionais

FINAL CUT

Tutorial desvenda sincronismo e multicam



LUZ & CENA

maio 2012

foto capa: Lucas Motta



18

capa

Thiaguinho ao vivo

Cenografia e iluminação futuristas dão show à parte em gravação de DVD do cantor

por Rodrigo Sabatinelli

EDITORIAL	4
PRODUTOS	6
DESTAQUE	10
EM FOCO	12
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO	42
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO	48
ILUMINANDO	52



32

casa de shows

Miranda: Nova casa investe em alta tecnologia e conforto para espetáculos da nata da MPB

por Fernando Barros



42

direção de fotografia para vídeo

Câmeras Profissionais: Primeiros ajustes (Parte 4)

por Léo Miranda



56

galeria

O amor da gente é como um grão

por Gabriel Keenan



EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
FARLEY DERZE, LÉO MIRANDA
E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS
RODRIGO SABATINELLI E
BRUNO BAUZER
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO
MARCIO HENRIQUE FERNANDES

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRAFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936029/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

Grandiosidade real

Vivemos um tempo em que o tamanho é, sim, documento, com qualidade sendo confundida com grandiosidade. Das cirurgias plásticas às artes, o grande é o que tem agradado. Quantos não foram a shows do U2 apenas por causa da megalomania cenográfica e sonora que lá encontrariam, mesmo sem saber cantarolar as músicas do grupo irlandês? O mesmo não se pode dizer quanto ao filme *Waterworld*, codirigido e estrelado em 1995 por Kevin Costner. Concebida como uma ultramegaprodução, a fita decepcionou nas bilheterias e acumulou prejuízos (provavelmente, os primeiros espectadores que foram aos cinemas literalmente “queimaram o filme” de *Waterworld* junto aos que planejavam assisti-lo depois). Ou seja: tudo bem oferecer algo de proporções gigantescas, impressionantes, mas que não seja algo vazio. Afinal, o público sabe o que é real e o que não é. Subestimá-lo nunca foi boa ideia.

Nossa matéria de capa nesta edição mostra um exemplo de espetáculo que consegue, ao mesmo tempo, ser realmente grandioso, criativo e popular, tudo dentro de uma ideia futurista que não escorrega para o lado de produção B, o que é muito fácil de acontecer. Como você poderá ver nas páginas que destacam a gravação do DVD do agora artista solo Thiaguinho (ex-Exaltasamba), o espetáculo contou com uma estrutura cênica não-convencional, com formas inusitadas e muitas luzes, vindas, inclusive, de LEDs flexíveis espalhados por um cenário que teve, ao todo, sete pistas de 13 metros de altura formadas por cerca de 800 placas de LED.

Um aspecto interessante do emprego de tamanha estrutura é ver a arte falando mais alto do que objetivos econômicos simplistas. A razão? Em função do projeto extrapolar a tradicional caixa cênica, a produção teve que abrir mão de um total de 1.500 ingressos – 500 de cada um dos três dias de gravação –, pois não haveria espaço para comportar quem os comprasse. E apesar de o cenário ser também grande o suficiente para não caber inteiro em nossa capa, você não deve se preocupar: cada detalhe sobre as luzes e o palco dessa visualmente impactante apresentação você vê nas páginas a seguir.

Além de também conferir nossas seções, escritas por especialistas em iluminação e vídeo, nesta *L&C* 154 você poderá mergulhar fundo no projeto da celebrada nova casa de shows carioca – a Miranda. Nascida na zona sul, ela mistura tecnologia e bom gosto para criar um ambiente exclusivo que já palco de grandes estrelas da nossa música.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

O SIGNIFICADO DA LUZ

O PATRIMÔNIO VISUAL

As propriedades da luz são seu patrimônio visual. Com elas – reflexão, refração, difração –, a luz apresenta aos nossos olhos e mente a sua existência. É como se ela dissesse “tá vendo essa colher torta dentro do copo de água? Sou eu quem provoca essa sua percepção visual com minha propriedade de refração”. Quando nos olhamos nos espelho, a luz nos pergunta: “sabe o que você vê dentro do espelho? A minha existência em forma de reflexão”. Sem seu patrimônio visual, seria possível sua existência aos nossos olhos? Imagine que a luz não refletisse, não refratasse, não difratasse. O que nossos olhos veriam? O que nossa mente faria?

Enquanto cada um de nós vasculha a imaginação, os objetos que percebemos ao redor oferecem pistas sobre o que acontece quando, digamos, um iluminador decide dimmerizar a luz em “fade out”... É como se a voz da luz sussurrasse algo como “ei, por que você está descapitalizando minha existência, subtraindo minha reflexão nos objetos, nas superfícies... no...”

E a luz silencia dentro da escuridão.

Ouçamos o aplauso da plateia, embora não tenha sido possível ver as cortinas se fecharem. Ou o iluminador, ou alguém da plateia, ou um dos artistas em cena voltam pra casa ao som de Lulu Santos, que diz em sua música que “não existiria sem se não fosse o silêncio, não haveria luz se não fosse a escuridão...”. Estacionamos o carro, entramos em casa, acendemos a luz cantarolando, preparamos um lanche, um banho, e em poucos minutos dimmerizamos nossas pálpebras enquanto brilham a lua e as estrelas lá na escuridão sideral.



O PRIMEIRO READYMADE

Quando acordamos no dia seguinte, estamos dentro de uma caverna em meio a um grupo. Estamos de costas para a luz que vem da abertura da caverna, sentados lado a lado a contemplar na parede o reflexo de nossas sombras. O que isso significa? Bem, foi Platão o criador dessa história que atravessou os séculos. Platão só queria, didaticamente, atribuir um significado para a luz ao associá-la à razão como fonte de conhecimento. Foi sua forma de criticar o modo das pessoas dizerem que conhecem alguma coisa. “Conhecer” tem um significado diferente de acreditar. Platão cria o cenário da caverna para dizer que os homens se acostumaram a valorizar as sombras em vez da luz, isto é, valorizar apenas o que acreditam, contemplar apenas suas próprias sombras (suas próprias ideias), em vez de perguntar a si próprio: “como sei o que digo que sei?”.

Contudo, diz Platão, quando alguém do grupo se levanta e caminha em direção à luz que entra pela abertura da caverna, sai da caverna e permite à mente a oportunidade de construir o conhecimento (iluminar-se)... e retorna à caverna para dizer ao grupo aquilo que viu além de suas próprias sombras, o grupo julga esta pessoa e diz que ela “enlouqueceu”. Gosto de pensar nessa cena de “sombras na parede da caverna” como o primeiro *readymade*, embora esse conceito tenha se popularizado com Duchamp no século 20, quando pegou objetos pré-existentes, como uma pá, um mictório de banheiro masculino, uma roda de bicicleta, e os colocou como “obra de arte” no museu para criticar o significado que a tradição atribuía à arte. Platão pendurou na parede da caverna as sombras para criticar o modo como as pessoas faziam uso da mente. Em suma, atribui à “luz” o significado de “conhecimento”.

A PLURALIDADE

O título deste artigo não podia estar no singular, pois a luz recebeu inúmeros significados ao longo do tempo, bem como a ausência dela. Eu vou me arriscar a dizer que o primeiro significado da luz foi relacionado à passagem do tempo, fácil de verificar a cada vez que o sol nasce e se põe. Foi-se a luz. Foi-se o dia para dar lugar à noite. Contudo, há algo interessante. Desde os nossos ancestrais nômades, nossos ancestrais das cavernas,

até pouco tempo antes da iluminação pública se espalhar pelo espaço noturno das cidades, nós e os antigos experimentamos a mesma luz do dia. Mas o mesmo não ocorre quando falamos do tempo noturno, já que a iluminação pública, especialmente aquela com a inserção da luz elétrica nas casas e nas ruas, redimensionou a noção de tempo. Se no passado a ausência de luz nas ruas deu à noite significados como “medo”, “insegurança”, “perigo”, “incerteza”, a chegada da luz nas ruas para iluminar espaços noturnos deu à luz artificial significados como “liberdade”, “diversão”, “descoberta”, “aventura”.

De um modo geral, podemos dizer que a inserção da luz nas cidades teatralizou os espaços no período noturno, criou narrativas sociais e agora não só os monumentos, a arquitetura e os espaços da cidade serão parâmetros de identidade local, mas também a luz que revela à noite cada monumento, cada edificação, cada espaço que dá forma à cidade. Assim, se até hoje são dias iguais pela luz do mesmo sol que iluminou nossos ancestrais, não se pode dizer o mesmo sobre o significado do tempo e da cidade no horário noturno, onde a luz foi diferente de acordo com as tecnologias em uso em cada época. Assim, a luz também terá o significado de progresso.

Os historiadores atribuem o sucesso da Inglaterra, berço da Revolução Industrial do século 18, ao fato de os ingleses produzirem muita tecelagem de algodão e lã. Para o inverno europeu, roupas feitas para aquecer eram bem-vindas. Eu gosto de pensar que o sucesso da Revolução Industrial se deu devido à luz artificial que tornou possível que se trabalhasse à noite nas fábricas. Era a luz a gás destilado de carvão, que, comprovado o sucesso tecnológico, foi parar nas ruas inglesas.

Foi na Inglaterra a primeira iluminação pública a gás no mundo, inaugurada em 4 de junho de 1807, em Pall Mall, Londres. Eu fiquei curioso para saber por que não foi no dia 3 de junho, ou no dia 5 de junho, e descobri que a data escolhida era em razão de ser o dia do aniversário do rei. Assim, a luz artificial emprestou à sociedade o significado de comemoração. No Brasil, não foi tão diferente. A primeira rua iluminada a gás foi na então capital Rio de Janeiro, em 25 de março de 1854. Foi o Barão de Mauá quem trouxe a tecnologia dos ingleses para o Brasil, e ele escolheu a data do aniversário de sua esposa para iluminar as ruas do centro da cidade do Rio, isso sem nenhuma colaboração de D. Pedro II. O Barão acreditava que a luz significava progresso.

LUZ E CENA

Quando vou ao teatro, penso que a luz significa cena. Quando vejo um show de música à noite e ao ar livre, penso que a luz significa cena. Quando olho para o céu na noite do réveillon, as luzes coloridas e seus movimentos significam a cena onde estou. Mas dentro de casa, quando esquecemos a luz acesa em algum cômodo, significa desperdício e uma conta mais alta no fim do mês. O farol desligado de um automóvel em movimento nas rodovias noturnas de uma BR significa perigo. O fade out (ou o “BO”) pode significar que o espetáculo acabou. “Dia” e “noite” significa um outro modo de dizer “o tempo passa”.

A luz que se acende no celular significa que alguém nos liga. A luz que penetra na folha de um vegetal significa fotossíntese em curso. Um jantar à luz de velas significa duas pessoas em um momento especial. *Luz & Cena* significa uma revista com um conteúdo multidisciplinar destinado a profissionais de iluminação. Milhares de luzes no céu noturno vistas a olho nu como pontos azuis brilhantes significa a existência de estrelas e planetas no cosmos.

Você conhece alguma cena sem luz?

Luz significa progresso: gravura extraída do livro “Disenchanted Night”, de Wolfgang Schivelbusch (1995), que mostra a admiração das pessoas pela iluminação elétrica, em 1885, numa cidade europeia. A imagem anterior é a tela “Madalena”, do pintor francês do século 17 Georges de La Tour: nela, a luz significa passagem do tempo



Reprodução



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilletormann.com